

# DIÁSPORAS LITERÁRIAS: UMA ANÁLISE DOS POEMAS PALAVRAS ERRANTES DAS MULHERES POETAS, DE MARILZA RIBEIRO, E PROTESTO PARA TEREZA, DE WLADEMIR DIAS- PINO

\*\*\*

## LITERARY DIASPORA: AN ANALYSIS OF THE POEMS PALAVRAS ERRANTES DAS MULHERES POETAS BY MARILZA RIBEIRO AND PROTESTO PARA TEREZA BY WLADEMIR DIAS-PINO

Simoni Rodrigues dos Santos<sup>1</sup>  
Isaac Newton Almeida Ramos<sup>2</sup>

Recebimento do Texto: 06/04/2025

Data de Aceite: 02/05/2025

**Resumo:** O presente artigo propõe desenvolver um estudo sobre a produção artística contemporânea, publicizada na primeira edição impressa da revista *Pixé* (2019), intitulada “Geração Pixé”, tendo como foco o poema: “Palavras errantes das mulheres poetas”, de Marilza Ribeiro e o poema “Protesto para Tereza”, de Wlademir Dias Pino, publicado na Primeira edição da revista *Sarã* (1951), poema esse, que substancializa tendências intensivistas, ligados ao movimento modernista no século XX. Para tanto, faremos uma revisão sistemática qualitativa das principais publicações que abarque os estudos acerca das revistas literárias, que possam contribuir com os métodos de leitura e amplie as projeções artísticas relacionadas a esses periódicos. Dentre as bibliografias estão: Candido (1981; 2006), Barthes (1988), Yasmin Nadaf (1993), Magalhães (2001), Ramos (2011), Bakhtin (2003), Leite (2005), Almeida (2012), Castrillon-Mendes (2019), Campos (2021), Mahon (2021) entre outros teóricos e críticos que contemplem em seus estudos, abordagens basilares que subsidiaram as análises. Neste interim, passamos a reconhecer, por meios dos poemas, as simultaneidades dos signos verbais, não-verbais e suas espacializações recorrentes de uma amálgama entre texto-imagem-contexto, que estratificam nos versos, as questões sociais que circundam a poesia. E, por fim, delinear uma relação entre a *Pixé* e a *Sarã*, ambas revistas literárias produzidas em Mato Grosso.

**Palavras-chave:** Arte Contemporânea. Modernismo. Revistas Literárias.

**Abstract:** This article proposes to develop a study on contemporary artistic production, published in the first printed edition of *Pixé* magazine (2019), entitled ‘Geração Pixé’ (*Pixé* Generation), focusing on the poem: “Errant Words of Women Poets” by Marilza Ribeiro and the poem “Protest for Tereza” by Wlademir Dias Pino, published in the first edition of *Sarã* magazine (1951), a poem that embodies 1 Doutora em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT - PPGEL), Mestre em Estudos Literários pelo programa de pós-graduação Stricto Sensu PPGEL-UNEMAT em 2021, graduada em Letras - Língua Portuguesa e Língua Espanhola pela Faculdade Integrada de Diamantino (FID) em 2010. Possui segunda licenciatura em Pedagogia (2012) e especialização em Educação Especial com Ênfase em Libras, conquistada no mesmo ano. E-mail: simoni.rodrigues@unemat.br

2 Doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP (2011). Mestre em Letras pela USP (2002), na mesma área. Graduação em Letras pela UFMS. Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos da Arte e da Literatura Comparada (UNEMAT). Poeta e crítico. Membro da ALB (Academia de Letras do Brasil) Amazonas e da ABEPPA (Associação Brasileira de Escritores e Poetas Pan Amazônicos). Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL - UNEMAT). E-mail: isaac.ramos@unemat.br

intensivist tendencies linked to the modernist movement in the 20th century. To this end, we will conduct a systematic qualitative review of the main publications covering studies on literary magazines that can contribute to reading methods and expand the artistic projections related to these periodicals. Among the bibliographies are: Candido (1981; 2006), Barthes (1988), Yasmin Nadaf (1993), Magalhães (2001), Ramos (2011), Bakhtin (2003), Leite (2005), Almeida (2012), Castrillon-Mendes (2019), Campos (2021), Mahon (2021), among other theorists and critics who contemplate in their studies basic approaches that supported the analyses. In the meantime, we begin to recognise, through the poems, the simultaneity of verbal and non-verbal signs and their recurring spatialisations of an amalgam between text-image-context, which stratify in the verses the social issues surrounding poetry. Finally, we outline a relationship between Pixé and Sarã, both literary magazines produced in Mato Grosso.

**Keywords:** Contemporary Art. Modernism. Literary Magazines.

## Introdução

Na década de 1980, em Mato Grosso, uma nova geração de autores e artistas emergiu e, no sertão-cerrado mato-grossense, encontrou no teatro, na música e na poesia uma forma de expressar seus desejos, irreverência e insatisfação com as questões sociais. Contudo, grande parte desses autores permaneceram no anonimato, limitando-se a publicações em folhetos e eventos poéticos informais.

Sobre isso, Mahon (2021) enfatiza que:

Inicialmente, os jovens escritores não se assumiam como sujeitos da literatura. Limitavam-se às expressões artísticas de música, teatro e declamação esparsas [...]. O princípio que regeu esse novo tipo de ‘geração literária’ bem poderia ser tomado de empréstimo da ‘geração artística’ [...] (MAHON, 2021, p. 44, grifos do autor).

Até meados do século XX, as revistas e jornais da época eram considerados leitura obrigatória para aqueles que se preocupavam com questões culturais, e não apenas literárias. Conforme Almeida (2012, p. 14) ressalta, “fazia parte da condição intelectual, o conhecimento da literatura [...]”. Dessa forma, mesmo de maneira discreta, esses autores proporcionaram e ganharam visibilidade para o grupo.

Por conseguinte, a imprensa torna-se uma aliada na promoção e difusão das obras desses novos artistas. Isso permitiu que suas produções alcançassem um público mais amplo e engajado. A interação entre os escritores e os meios de

comunicação locais não apenas ampliou o alcance de suas criações, mas fomentou um ambiente cultural mais dinâmico e diversificado em Mato Grosso, o que intensificou a relevância desse movimento artístico.

Vinculado à Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), esse coletivo ganhou visibilidade, marcado por fortes tendências modernistas, e iniciou o que Eduardo Mahon (2021) denomina em seu estudo crítico como a “Geração Coxipó”. Essa denominação destaca a relevância e a singularidade desses autores e reforça sua contribuição para a cena cultural da região naquele período, que desencapsulou a literatura e, conseqüentemente, a cultura do estado. É importante lembrar que: “O centro hegemônico estava em São Paulo e no Rio de Janeiro, então capital política. A evidência dessa hegemonia — uma hegemonia marcada pelo sentido de legitimação — contribuirá para o obscurecimento de outros centros” (ABDALA, 2012, p. 15 *apud* ALMEIDA, 2012, p. 15).

Ainda no que diz respeito ao contato dos escritores e artistas com o movimento Modernista, segundo Almeida (2012), o movimento chega em Mato Grosso dezessete anos após sua afirmação no país. No entanto, a atmosfera local “deglutiu”, anteriormente a esse período, mais de duas décadas de experiências nas relações com o centro hegemônico (ALMEIDA, 2012). A autora ainda completa ao inferir que:

Por ter sido a principal força que motivou o ‘abrir fendas no sertão brasileira’, em variadas épocas. E finalmente, por acreditarmos que esta investigação possa romper com o silêncio que paira sobre o início da literatura moderna em Mato Grosso e, ao mesmo tempo, acrescentar dados novos aos vários estudos já realizados sobre a literatura nacional [...] (ALMEIDA, 2012, p. 25).

Guiados pelos ideais modernistas, um número expressivo de escritores e artistas foram atraídos pelo desejo de compreender o movimento de vanguarda internacional que, em Mato Grosso, recebeu o nome de Intensivismo no final dos anos 1940 (CAMPOS, 2021). Temos como um dos precursores desse movimento o poeta Wladimir Dias-Pino, igualmente celebrado como um dos artistas visuais e gráficos mais importantes da época, reconhecido como o difusor da poética construtiva no Brasil.

A projeção do movimento Intensivista reconhecia a literatura e outras artes como uma totalidade, não vinculada em um tempo ou espaço específico, mas sim atravessada por eles. Esse movimento foi permeado por uma série de tensões intelectuais até então abafadas, indo na contramão da tradicional topologia urbana de Cuiabá, que circundava a Casa Barão de Melgaço, declinando as referências românticas-parnasianas dos “imortais” (MAHON, 2021, p. 33). Segundo Ramos (2011), o Intensivismo em Mato Grosso surge com inclinações ligadas ao modernismo brasileiro ao apresentar características distintivas marcadas:

[...] por um radicalismo morfológico textual, simultaneidade dos signos verbais e não-verbais, visualidade visual e objetiva, de forma que a palavra fez-se objeto, o texto fez-se matéria e nele se instalou a sintaxe combinatória. Além disso, a relação significante/significado estabelece-se em uma semântica outra, já que na poesia concreta ocorre a espacialização dos signos verbais [...] (RAMOS, 2011, p. 89).

O comportamento autônomo e transversal, no qual “[...] a palavra se fez objeto [...]” e “[...] o texto se fez matéria [...]” (RAMOS, 2011, p. 89), não era comum em outros movimentos dentro deste sistema literário<sup>3</sup>. Nessa perspectiva, passamos a reconhecer os diálogos entre as relações do nacional e do universal que emergem da construção de uma identidade regional. Isso ocorre devido ao contato entre os indivíduos e o “mundo” ao seu redor. Como explica Candido (1981), ao referir que a habilidade do escritor está em tornar universal a sua experiência local, essa perspectiva vê a literatura, assim como outras manifestações artísticas, como um construto em constante transformação, um “[...] caldeirão efervescente com contribuições enriquecedoras de diversas mãos [...]” (CAMPOS, 2021, s.p.).

Nesse contexto de interfluências em que a imprensa e as revistas literárias alcançaram e estreitaram os laços com as mais diversas culturas em diferentes tempos e espaços, o presente ensaio intenciona apresentar como esses meios de comunicação impulsionaram o acercamento dos artistas e obras literárias com o público leitor.

Desse modo, a presente análise foca no poema “Palavras errantes das

---

<sup>3</sup> Considerando a formação do Sistema (Candido, 2000) e do campo literário (Bourdieu, 1996), é imprescindível rastrear a gênese e o desenvolvimento da literatura em questão. Este rastreamento deve levar em conta os dados históricos, culturais e artísticos que, direta ou indiretamente, influenciam ou influenciaram sua criação.

mulheres poetas”, de autoria de Marilza Ribeiro, publicado na primeira edição impressa da *PIXÉ Revista Literária*. Esta revista, inaugurada em 2019, contempla 35 edições disponíveis em formato digital e físico relativas aos dois primeiros anos de intensa atividade. O projeto da revista impressa foi viabilizado por recursos da Lei Aldir Blanc, Casa Onze, e em parceria com o Governo do Estado, através das Secretarias da Cultura e Turismo.

Destaca-se que a *PIXÉ* contou com a colaboração de autores e artistas da literatura brasileira contemporânea, incluindo estudiosos como Olga Maria Castrillon-Mendes, Edson Flávio Santos, Aclyse Mattos, Bia Scaff, entre outros. Ao acessar a revista *PIXÉ* virtualmente, percebe-se sua significativa contribuição para a divulgação da produção literária dos escritores de Mato Grosso, além de desempenhar um papel importante no fortalecimento dos laços entre esses escritores e a literatura nacional e internacional.

Adicionalmente, será apresentado o poema “Protesto para Tereza”, de autoria de Wladimir Dias Pino, publicado na primeira edição da revista *Sarã* em 1951. Esse poema incorpora as tendências intensivistas associadas ao movimento modernista no século XX. Conforme apontado por Almeida (2012), a revista *Sarã* teve um papel fundamental ao imprimir novos rumos à literatura produzida em Mato Grosso e inaugurou um estilo provocativo que:

[...] dialogava, de certa maneira, com a atitude inconformista do grupo de Oswald de Andrade, de 1928, quando desfechou duras críticas às atitudes artísticas de vários contemporâneos, sobretudo daqueles que fizeram parte do movimento de 1922, como Mário de Andrade [...] (ALMEIDA, 2012, p. 140).

Ao observar a herança crítica centrada na relação entre os ramos jornalístico e literário, torna-se evidente a significativa interação que subsidiou seus produtores e receptores. Assim, é possível inferir que as revistas literárias desempenharam papel indispensável na disseminação da produção autoral, especialmente das literaturas produzidas em Mato Grosso. Dessa forma, passamos a reconhecer a importância dos periódicos como um meio alternativo para manter os textos literários em circulação. Até meados do século XIX, esses editoriais não gozavam do devido reconhecimento; no entanto, com o surgimento

do Intensivismo, no século XX, em Mato Grosso, ganharam impulso e tornaram-se um dos meios mais eficazes de divulgação da literatura no cenário nacional.

### **Um panorama historiográfico das revistas literárias brasileiras produzidas em Mato Grosso**

Ao analisarmos o percurso da história literária em Mato Grosso, percebemos a significativa contribuição dos periódicos e revistas para a configuração dos movimentos literários, destacando-se, em especial, o Intensivismo. Conforme observado por Marinei Almeida (2012), o movimento intensivista compreendeu três fases distintas. O primeiro momento, na década de 30, estava vinculado ao sentimento ufanista e foi marcado pelo surgimento do periódico chamado *Pindorama*. No entanto, nesse estágio inicial, ainda não havia maturidade na concepção da ideia estabelecida pelo Modernismo brasileiro, que se opunha a uma estrutura “velha, obsoleta e anacrônica” (ALMEIDA, 2012, p. 50), até então consolidada em Mato Grosso. Nesse sentido, o movimento tornou-se um grito de revolta contra o academicismo. Isso contribuiu de maneira significativa para superar o atraso cultural e a estagnação social, especialmente no âmbito da literatura.

O surgimento de *Pindorama* estabeleceu uma fé que se alinha com o contexto modernista, propondo uma visão de um mundo mais humano em meio a um cenário de desintegração e rápido declínio. Nas palavras de Leite, Mello e Mendonça (*PINDORAMA*, 1939, n. 2, p.1), a juventude deveria ter a coragem de viver em seu próprio tempo, manter-se fiel aos seus valores e rejeitar os princípios decadentes defendidos por algumas mentes conservadoras. Pois é nessa luta por novos valores que surgirão ações mais humanas e capazes de atender às demandas do século. Para esses autores, a batalha exige força de caráter coletivo, e aqueles que não conseguissem sustentar seus ideais não seriam dignos de se unir à vanguarda da juventude. E nesse quesito *Pindorama* se mantém na vanguarda. Para Almeida (2012, p. 34), “[...] o grupo de Pindorama, pioneiro no Estado em prol da modernização artística [...]”, representou um estado de inquietação e ansiedade que reivindicava a renovação.

Sobre essa fase inaugural, Magalhães (2011) acrescenta:

Do movimento de revistas produzidas em Mato Grosso para a inserção da estética modernista no Estado, destaca-se a revista *Pindorama*, em 1939, que lança as bases do movimento modernista, mesmo que timidamente, visto que os textos nela publicados foram depositados debaixo das portas de algumas casas, sem o alarde proposital da Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo [...] (MAGALHÃES, 2011, p. 39).

O propósito da revista era divulgar um Mato Grosso, até então desconhecido para o restante do Brasil, com o objetivo de contextualizar a identidade e os valores culturais do estado. E, por meio da literatura, buscava-se representar esses aspectos. Nesse contexto, a publicação da revista era uma manifestação de resistência contra o arcaísmo tendencioso. Segundo Almeida (2012), o impulso proporcionado pela *Pindorama* representou:

[...] um grito tardio e solitário – que alguns anos mais tarde ecoou em prol da campanha de modernização das letras no Estado. Como *Pindorama*, outros grupos lançaram posteriormente suas vozes em forma de poesias, prosas e manifestos, ocupando um espaço no cenário cultural brasileiro [...] (ALMEIDA, 2012, p. 91).

De acordo com Cristina Campos, a maioria dos autores intensivistas que se uniram a Wladimir Dias Pino, como Benedito Sant'Ana Silva Freire, Rubens de Mendonça, Othoniel Silva, Geraldo Dias da Cruz, José Lobo de Brito, Newton Alfredo, Amália Verlangieri, Agenor Ferreira Leão e Antônio Costa originava-se de uma tradição romântico-parnasiana. No entanto, ao entrarem em contato com Dias-Pino, alinharam-se às vanguardas e passaram a produzir poemas com características do Modernismo brasileiro. Wladimir Dias-Pino assinou o Manifesto do Intensivismo em 1951 e foi responsável por difundir diversas revistas que introduziram novidades da/na produção literária da época. Ao advogar pela proposta intensivista, buscava-se valorizar intencionalmente a leitura antes mesmo da escrita, com o propósito de dar visibilidade ao intenso visto das margens na inscrição/escritura.

Em um segundo momento, de acordo com Almeida (2012), uma onda de artistas e escritores, ao assimilar os princípios do Modernismo no Brasil, ressurgiu com o propósito de expressar externamente a experiência “deglutida” desse movimento. Uma década mais tarde, elevaram essas concepções a um nível mais pessoal, conferindo-lhes um significado específico em relação ao local e à sua história. Como veículo central de disseminação literária, destaca-se a revista *Ganga*, fundada por João Antônio Neto, Rubens de Castro e Agenor Ferreira Leão, entre 1951 e 1952, na cidade de Cuiabá.

A revista *Ganga* representou um marco significativo na produção literária da época. Suas edições foram enriquecidas pela contribuição de diversos nomes proeminentes, como José Mesquita, Octávio Cunha, Newton Alfredo, José Antônio da Costa, Rubens Mendonça, Amália Verlangieri, Wladimir Dias-Pino, Silva Freire, entre outros. De acordo com Almeida (2012), *Ganga* era composto por um grupo multifacetado de personalidades e identidades distintas, que cultivava uma multiplicidade de “[...] tendências e idades que se misturavam em um verdadeiro festival de surpresas [...]” (ALMEIDA, 2012, p. 94).

O terceiro momento, de fato, traduziu e reafirmou a proposta do movimento modernista ao consolidar seus ideais e ressignificá-las por meio da literatura. Com esse propósito, os autores e artistas legitimaram o movimento intensivista em Mato Grosso. Ao seguir essa tendência, foi publicado o primeiro número de *Arauto de Juvenília* em 1949, sob a direção do poeta Benedito da Silva Freire e Wladimir Dias-Pino como secretário. As edições ganharam destaque e reconhecimento por apresentar ilustrações dos poemas através de xilogravuras, idealizadas e produzidas por Dias-Pino. O periódico teve um total de oito números publicados entre 1949 e 1951.

O dialogismo estabelecido entre a poesia e as imagens intensificou, expressivamente, tanto a literatura quanto as imagens, em um amálgama de saberes. Isso fez com que o último exemplar de *Arauto de Juvenília* ganhasse uma edição especial, publicada em 1951. Em continuidade a essa vertente, surge a primeira edição da revista *Sarã*, que daria novos rumos à literatura produzida em Mato Grosso.

Sobre *Sarã*, Almeida (2012) destaca que:



[...] dialogando e engrossando a luta iniciada por Pindorama. Sarã se mostrou inovador e dialogava, de certa maneira, com a atitude inconformista do grupo de Oswald de Andrade, de 1928, quando desfechou duras críticas às atitudes artísticas de vários contemporâneos, sobretudo daqueles que fizeram parte do movimento de 1922, como Mário de Andrade. Tal como a Revista de Antropofagia, **Sarã se mostrou agressiva e contundente no meio da cultura local** [...] (ALMEIDA, 2012, p. 140-141, grifo nosso).

Ao reconhecer os propósitos modernistas no Brasil e intensivistas em Mato Grosso, outras publicações começaram a ganhar espaço e autonomia, o que se tornou fundamental para o processo de afirmação da produção literária no estado. Um exemplo é a Revista *Violeta* (1916 - 1950), uma das mais significativas e longínquas da época. A proposta inicial da revista foi o de conquistar direitos políticos e sociais, além de inserir as mulheres mato-grossenses na imprensa. Toda essa proposta precedeu “o movimento modernista em Mato Grosso, o ‘Movimento Graça Aranha’ e o ‘Movimento da Revista Pindorama’ ambas do final da década de 30” (ALMEIDA, 2012, p. 55); no entanto, não se aproximou de suas configurações, pois enveredaram-se por outras vertentes. Segundo Costa (2008), o periódico:

[...] circulou durante 34 anos, alternando sua periodicidade mensal e bimensal e foi uma das revistas mais profícuas e relevantes produzidas em Mato Grosso. Em nível nacional, pode ser considerado o segundo periódico literário feminino com maior tempo em atividade ininterrupta no Brasil [...] (COSTA, 2008, p. 195).

A revista *Violeta* teve suas edições iniciadas em 1916 e foi mantida pela associação estudantil “Grêmio Júlia Lopes de Almeida”. Colaboraram em suas edições jovens normalistas e mulheres letradas da sociedade mato-grossense; a maioria das colaboradoras pertencia a famílias tradicionais que compartilhavam um sentimento de apreço comum, visando “cultivar as letras femininas e patrióticas”, como afirma Yasmin Nadaf (1993).

Ao observarmos a literatura produzida em Mato Grosso na contemporaneidade, reconhecemos que: “[...] os tempos são outros, mas os desenhos das inclinações, com atores voltados para horizontes pautados pela

inovação, modernização, continuam [...]” (ABDALA, 2012, p.14 *apud* ALMEIDA, 2012, p.14). Nesse sentido, destacamos a crescente ascensão e o interesse de leitores e pesquisadores pela produção literária em revistas e periódicos. Isso se deve ao surgimento de outras mantenedoras desses veículos de comunicação — jornais e revistas — que perpetuam o legado iniciado por Wladimir Dias-Pino, Silva Freire, João Antônio Neto, entre outros. Exemplos incluem a revista *Vôte*, a primeira revista literária totalmente digital, *Ruído Manifesto*, que ainda está em vigência, e a *Pixé Revista Literária*, cuja produção foi finalizada em 2023.

### **O poema protesto: uma análise do poema “Protesto para Tereza”, de Wladimir Dias Pino**

Durante a segunda metade do século XX no Brasil, as vanguardas poéticas geraram diversos manifestos literários com o objetivo de estabelecer posições estéticas e anunciar movimentos emergentes. O manifesto a ser apresentado a seguir foi intitulado “Intensivismo” (Ramos, 2011). Nesse contexto, os autores comprometidos com a causa de impulsionar a literatura produzida em Mato Grosso, passaram a incorporar em seus textos a historiografia local, bem como a ideia de superar as barreiras geográficas e culturais da literatura produzida no sertão-cerrado.

Ninguém aprende apenas com sua própria experiência. Há a experiência local, veiculada pelos processos endoculturativos, e as daqueles que se estabeleceram nas conexões com o campo intelectual, que tendem a esferas mais amplas, nacionais e supranacionais (ABDALA, 2012, p.14 *apud* ALMEIDA, 2012, p.14).

Nesse sentido, as revistas literárias desempenharam um papel importante na disseminação do movimento intensivista, ao registrar parte da historiografia literária<sup>4</sup> da época e proporcionar visibilidade aos autores e artistas do período. Um exemplo significativo é a Revista *Sarã*, publicada em 1951 em Cuiabá por Wladimir Dias-Pino, Othoniel Silva e Rubens de Mendonça. Este periódico

---

4 “[...] a partir do conjunto da obra, fruto das experiências em situação-limites [...] Não apenas aquelas resultantes de uma escritura mais pulverizada, mas a compreensão delas e das ‘regiões culturais’ que aproximam e distanciam os conceitos pelos quais se tem compreendido os espaços e as produções ditas de ‘margem’[...]” (Castrillon Mendes, 2011, p. 87).

transcendeu a mera expressão literária, incorporou contos e poemas entremeados com propagandas de seus financiadores. Assim, a *Revista Sarã* passa a desempenhar um papel multifacetado, não apenas como veículo literário, mas como um meio de promover e conectar a cultura, a identidade e a política que influenciavam as produções literárias da época.

Entretanto, é pertinente destacar que a revista *Sarã* introduziu em suas edições elementos visuais adicionais, conferindo-lhe um apelo distintivo em relação às demais. Isso ocorreu à medida que passou a ser enriquecida com xilogravuras que adornavam as sessões de contos e poemas. As imagens, criadas pelo poeta e editor Wladimir Dias-Pino, inauguraram uma expressão artística única nos editoriais, em que a interação entre imagem, texto e contexto eram deglutidas e reinterpretadas em uma verbivocovisualidade<sup>5</sup> que se replicou em outros periódicos integrantes desse sistema literário. Essa nova configuração no corpus estético da revista atraiu a atenção dos leitores que, além de apreciarem a poesia presente nos textos, passaram a contemplar a poesia das imagens.

Segundo os organizadores:

Sarã é bem o projeto contra a correnteza faz mais o avançar em velocidade do que a parecer lagoa. [...] Com a nossa experiência literária, como amadurecimento, teremos - seremos quem sabe uma sarã em nossa literatura moderna. Homem, queremos ver, é água correndo, literatura pulando, literatura rápida para dar luz a renovação (SARÃ, 1951, p. 01).

A fim de elucidar a relevância da revista mencionada como um significativo veículo de disseminação da literatura, abordaremos inicialmente o poema “Protesto para Tereza” de Wladimir Dias-Pino como nosso corpus de análise. O autor não se limitava apenas à escrita, pois destacava-se como artista, poeta, designer gráfico e vitrinista. A década de 1940 marca sua incursão inicial na poesia, na qual desempenhou um papel fundamental na referência e fundação dos movimentos que deram visibilidade ao Poema-Processo, destacando-se como um dos precursores do Intensivismo nas décadas de 1950 e 1960.

A contribuição singular de Dias-Pino para a literatura reside na abordagem

---

<sup>5</sup> Ideia pregada pelos poetas concretistas na década de 50 do século passado, mediante a integração das artes e da hibridização dos recursos de criação literária, exigia a combinação de texto, voz e imagens numa mesma edição. (Miranda, 2004, s/p).

que ele adotou ao questionar, de maneira inovadora, a interação entre imagem e linguagem. Sua prática envolvia a proposição de uma leitura imagética do mundo, realizada por meio de técnicas como colagem, (re)corte, fotocópia, sobreposição e manipulação digital. O resultado foi uma figura processada industrialmente, composta por diversas camadas, em que a palavras dá lugar para o significado, que é moldado pela heteroglossia<sup>6</sup> do olhar do leitor.

A revista em questão inicia essa nova configuração artística ao divulgar e promover a apreciação desse tipo de expressão. Ao fornecer um espaço para a publicação de obras como as de Dias-Pino, a revista documentou ativamente a convergência entre literatura e arte visual, além de estratificar os abismos entre elas. Isto não apenas enriqueceu o panorama cultural da época, mas influenciou as gerações subsequentes de artistas e escritores, ao consolidar-se como um veículo para a difusão de tendências literárias e artísticas inovadoras.

O poema que se segue contextualiza essa sobreposição de imagens nos versos transgressores, nos quais é possível acessar a verbivocovisualidade da imagem-poema.

PROTESTO PARA TEREZA  
O sorriso da Tereza e de utilidade pública,  
Passa pobre, passa rico,  
Tereza sorri!  
O olhar de Tereza é de utilidade pública,  
Passa pobre, passa rico,  
E Tereza olha todo mundo.  
O corpo de Tereza é de utilidade pública,  
Só andando daqui para ali.  
Atendendo a todos os sorrisos,  
Atendendo a todos os olhares.  
E a assembleia do Estado não dá subversão  
Pra Tereza que é toda de utilidade pública.  
(DIAS-PINO, 1931, p.02 *apud* SARÃ, 1951, p.02).

O poema “Protesto para Tereza” estrutura-se em quatro estrofes distintas: as duas primeiras compostas por tercetos (três versos), a terceira por um quarteto

---

6 Faraco (2005) expande essa ideia ao definir a heteroglossia como uma variedade múltipla e diversa de vozes ou linguagens sociais. Ele destaca que esse fenômeno é caracterizado por um processo incessante de interações, que inclui afastamentos e encontros, identificação e estranhamento, bem como a assimilação e transformação das vozes coletivas. Esse processo é o que Bakhtin (2015) identifica como “heteroglossia dialogizada”.

(quatro versos) e a última por um dístico (dois versos). Em uma análise inicial, destaca-se a importância da proposição contida no título, “Protesto para Tereza”, que revela uma abordagem irônica quando contextualizada no âmbito do poema. Isso ocorre ao compararmos o título com o desenvolvimento subsequente, que apresenta “Tereza” como uma figura de “utilidade pública”.

Tal caracterização é sugerida de maneira sutil através das repetições presentes nos versos das três primeiras estrofes: “O sorriso de Tereza é de utilidade pública”, “O olhar de Tereza é de utilidade pública” e “O corpo de Tereza é de utilidade pública”. A utilização de imagens substantivadas, como “O sorriso”, “O olhar” e “O corpo”, empregadas de maneira crescente, sugerem uma progressão que culmina na ideia de que a própria posse de si é suprimida e transformada em um corpo mimetizado, representativo de uma voz coletiva.

Essa dinâmica torna-se ainda mais evidente quando notamos a repetição no segundo verso, “Passa pobre, passa rico”, presente tanto na primeira quanto na segunda estrofe. Essa repetição reforça a noção de que a condição de imobilidade e servilismo é imposta a Tereza, independentemente de sua classe social. A imagem estereotipada de “Tereza” emerge como uma reflexão das questões sociais exploradas no poema, alinhando-se de forma coerente com a proposta subjacente ao título.

A ironia nas palavras ácidas de Dias-Pino cria uma tensão entre a mobilidade do sorriso, do olhar e do corpo, que contrasta com a estagnação do eu lírico. Esse jogo sutil revela as contradições sociais e as limitações impostas pela sociedade à imagem de Tereza. A expressão “Protesto para Tereza”, sugere uma crítica à condição social que transforma o eu lírico em uma figura pública, cujas características pessoais são subjugadas em prol de uma utilidade coletiva.

Nesse sentido, ao analisarmos a disposição dos verbos no gerúndio nos três últimos versos da quarta estrofe, por meio dos termos “andando” e “atendendo”, podemos inferir que há uma provocação que ressalta o efeito cíclico das ações de “Tereza”, o que reforça a ironia que tenciona/questiona a ideia estereotipada de inércia do corpo de utilidade público. Nesse trecho, o gerúndio é habilmente empregado para enfatizar uma ação em curso, com se a ação interminável enrijece o sorriso, o olhar e o corpo do eu lírico: “[...] Só andando daqui para ali. / Atendendo a todos os sorrisos, / Atendendo a todos os olhares [...]” (DIAS-PINO,

1931, p.02 *apud* SARÁ, 1951, p.02).

Esses versos expõem as camadas e a significância do corpo, transformando-o em uma alegoria<sup>7</sup> transeunte. Essa condição é claramente delineada pelo uso do advérbio “Só”, que no verso dá a ideia de exclusão ou limitação, que indica que a ação de “andar” se dá de maneira restrita, ou seja, apenas dessa forma, o que nos remete o afastamento e solidão impostas a “Tereza”. A inércia e a passividade atribuídas ao eu poético são evidenciadas nos últimos versos das duas primeiras estrofes, ao descrever seu comportamento: “[...] Tereza sorri!” e “[...] E Tereza olha todo mundo.” O ponto de exclamação ao final do verso “Tereza sorri!” reforça essa condição de maneira afirmativa.

Ademais, é evidente que o uso dos gerúndios e a repetição deliberada desses termos simbolicamente ditam e moldam a maneira como a sociedade esperava que essa mulher se comportasse, engessando suas formas em um *looping* sem fim. Essa análise revela camadas mais complexas de significado, as quais destacam a sutileza com que o texto aborda a condição feminina e a imposição de padrões sociais.

Na quarta e última estrofe, deparamo-nos com a clara objetificação dos corpos representados pelas inúmeras “Terezas”, que evidenciam, de maneira lamentável, a abordagem dos governantes em relação a esse tema: “E a assembleia do Estado não dá subversão / Pra Tereza que é toda de utilidade pública”. Essa abordagem revela, infelizmente, a persistência de uma concepção patriarcalistas arraigada em nossas estruturas sociais, moldando a visão do lugar convencionalizada à mulher na sociedade.

Ao explorar a etimologia do nome “Tereza”, conforme o dicionário de nomes próprios, a palavra curiosamente remete a significados como “natural de terra” e “habitante da terra”. Essa observação nos instiga a estabelecer uma conexão entre a composição do poema e o contexto da produção literária em Mato Grosso, destacando a importância desse período para a contextualização do poema, conforme sugerido pelo título: “Protesto para Tereza”, ou melhor ainda, protesto dos nascidos na terra ou habitantes dela.

Essa análise nos leva a inferir que os versos de Dias-Pino carregam consigo um profundo sentimento de “cuiabania”, um neologismo interpretado

<sup>7</sup> “Uma alegoria é aquilo que representa uma coisa para dar a ideia de outra através de uma ilação moral.” (Ceia, 1998, s/n).

por Lenine Campos Póvoa como um “sentimento de pertencimento” ao lugar, sem, no entanto, limitar-se a ele. Dessa forma, o poema transcende as fronteiras geográficas, transformando-se em um grito de resistência que ecoa além das circunstâncias locais, abrange questões universais ao provocar reflexões sobre a condição humana e social. A poesia torna-se, assim, uma expressão poderosa de resistência e crítica, conectando-se ao âmago das experiências compartilhadas pelos habitantes da terra e, por extensão, por todos aqueles que buscam desencapsular a cultura e a identidade das margens, dando a elas visibilidade.

### **Vozes (in)submissas: uma análise do poema “As palavras errantes das mulheres poetas”, de Marilza Ribeiro**

O poema intitulado “As Palavras Errantes das Mulheres Poetas” é uma obra da poetisa Marilza Ribeiro, nascida em Cuiabá no dia 27 de março de 1934. Com formação acadêmica em Psicologia, concluída na Faculdade de Ciências e Letras São Marcos, localizada em São Paulo - SP, a autora se destaca como escritora, assim como é reconhecida por suas habilidades como desenhista.

O poema em análise foi publicado pela primeira vez em 2019, na edição inaugural da revista *Pixé*, na capital do estado de Mato Grosso, Cuiabá. A inclusão desse poema na revista destaca a relevância da autora no cenário literário local e sublinha a importância de seu trabalho no contexto cultural mais amplo. Através de sua poesia, Marilza Ribeiro explora as nuances da experiência feminina, dando voz às palavras errantes que, muitas vezes, são relegadas ao silêncio. Sua escrita, permeada pela sensibilidade e profundidade psicológica, oferece uma reflexão rica e única sobre as complexidades da mulher e destaca-se como uma contribuição valiosa para a poesia contemporânea.

Para contextualizar o poema supracitado, é relevante destacar a significativa contribuição da revista *Pixé* na promoção da literatura oriunda de Mato Grosso. Ao resgatarmos o significado cultural do termo “Pixé” ou “Piché”, emergem a intensidade e a multiplicidade de aromas, sabores e saberes que permeiam a revista. Assim como a paçoca cuiabana, um doce emblemático da cultura mato-grossense, composto por uma mistura densa de milho torrado, açúcar e canela em pó, a *Pixé Revista Literária* se apresenta como um amálgama de influências e expressões.

A estrutura híbrida da revista reflete essa diversidade, incorporando a valiosa contribuição de autores provenientes de diversas regiões do Brasil e de outras partes do mundo. Essa abrangência possibilita uma visão antropofágica do mundo, onde a apreciação da produção literária e artística da *Pixé* se assemelha a um banquete cultural, no qual nos deleitamos com as distintas perspectivas e experiências apresentadas.

Assim como a paçoca cuiabana resulta de uma cuidadosa combinação de ingredientes, a revista *Pixé* destaca-se pela fusão harmoniosa de vozes e estilos, enriquecendo o panorama da literatura contemporânea. Ao promover a interconexão entre diferentes culturas e tradições, a revista desempenha um papel importante na construção de pontes entre diversos horizontes literários, o que proporciona aos leitores uma experiência enriquecedora e estimulante.

Da mesma forma, as edições sinestésicas, metaforicamente atribuídas ao tom açucarado, recorrem ao humor e à leveza e conferem ao material uma verbivocovisualidade única, que ultrapassa a simples representação da imagem que significa a palavra. O periódico apresenta um perfil diversificado e conquistou adeptos a cada edição, uma vez que sua veiculação também está disponível em formato digital. Isso permite que, mesmo após o encerramento de suas atividades, seja possível compartilhar a intensidade das margens captada pelos autores em cada narrativa e em cada pincelada das imagens-poemas. Como resultado, temos edições palatáveis que abordam uma variedade de temas e destacam a cultura brasileira produzida em Mato Grosso. [...] a artesanaria do verbo é a materialização dos (nossos) dramas, vividos ou vistos/sentidos. Intemporal, mas ao mesmo tempo, real; recriado pela observação/vivência do universo humano [...] (CASTRILLON-MENDES, 2019, p. 519).

Dessa forma, passamos a reconhecer a produção literária e artística contemporânea em um paradoxo que entrelaça diferentes “gerações”, posto isso, destacamos elementos como o riso e o segredo, o escárnio e a produção coletiva, a convivência e a resistência às “invasões bárbaras”. Esses aspectos pontuam a produção dos autores que integram esse grupo multifacetado (MAHON, 2021, p. 45, grifos do autor).

A revista *Pixé* reúne referências de quase um século de literatura, entrelaçando as diversas vozes da “geração coxipó”, que impulsionaram o movimento



intensivista no início do século XX. Com generosas doses de ironia, Eduardo Mahon guiou a *Pixé*, a qual, por sua vez, abrigou em seu âmago a “geração *PIXÉ*”. Quanto à significativa contribuição literária da revista, Marília Leite (2020) destaca que:

O existir da obra *PIXÉ* mostra a ascensão dos andaimes de um fazer. Assim ela é criada pela própria necessidade da obra. No entanto, na medida em que todo ato criador inclui um fazer e todo fazer necessita de meios e processos para executar, pertencem a obra criada aqui mecanismos e material de criação [...] (LEITE, 2020, p. 62).

A abordagem antropofágica do mundo, que adentra o sertão de Mato Grosso, amplia o horizonte artístico, ultrapassando as fronteiras limitantes da cultura. Com essa perspectiva, emerge uma literatura que se propõe a apresentar:

[...] um panorama da forma de contar em Mato Grosso, Brasil. Embora apresente um caráter atípico, se relacionado à produção contística do centro hegemônico, é possível verificar a realidade, ora ampliada ora condensada, mas sem perder, como referência, a noção holística do funcionamento do mecanismo social [...] (CASTRILLON-MENDES, 2019, p. 512).

Os “novos guerreiros”, que se armam por meio da palavra, da “imagem-poema” e do dialogismo literário em ebulição entre as gerações “Coxipó” e “*Pixé*”, conectam os leitores contemporâneos aos eventos passados e presentes. Esse encontro resulta em um amálgama de saberes, onde “[...] a arte busca falar com as letras e as letras abordam a arte e a cultura [...]” (LEITE, 2020, p.62).

O reconhecimento de uma literatura que não necessita de justificativas, que se apresenta por si mesma, sem rótulos e intemporal, ainda é um dos objetivos dos escritores e artistas na contemporaneidade. Este objetivo foi e ainda é, em grande parte, liderado pela “velha guarda intensivista”, em meados do século XX.

Nesse sentido, na análise do poema “As palavras errantes das mulheres poetas”, procuramos apresentar a busca, ao longo dos séculos, das diversas “Terezas”, que não se renderam às margens. Tais evidências são tangíveis nos versos subversivos de Marilza Ribeiro:

AS PALAVRAS ERRANTES DAS MULHERES POETAS  
 Nossas palavras andam... andam...  
 podem ir à lugares sagrados  
 ou a lugares profanos...  
 Podem visitar terrenos férteis  
 onde arrancam as raízes suculentas da memória e se fartam  
 delas...  
 Podem ir às suas instâncias sombrias  
 para conversar com os fantasmas e demônios do tempo...  
 podem repousar em olhares ou lábios ardentes dos desejos...  
 Podem ir a lugar nenhum...  
 podem ficar numa rede armada à sombra de uma árvore para  
 poder sonhar  
 e confabular com a brisa que lhe traz  
 segredos de lugares longínquos do mundo...  
 Até que então, ao caminharem por aí errantes,  
 alguém as descubra como a poética-seiva dos mistérios  
 e se alimenta delas...  
 As palavras errantes das mulheres-poetas andam com o  
 vento...

(RIBEIRO, 2019, p. 40-41, *apud* Pixé, 2019, p.40-41)

A prosa poética, um recurso estético amplamente empregado por autores contemporâneos, constitui o poema “As palavras errantes das mulheres poetas”, de Marilza Ribeiro. O poema é caracterizado por 16 versos brancos e livres, que captam o apelo milenar das mulheres poetas. Estas são, metaforicamente, equiparadas à força dos ventos indomáveis e errantes, evocados em suas essências intrépidas e desbravadoras.

A repetição proeminente da letra “m”, que emite sons nasalizados, ao longo dos versos confere uma musicalidade marcante ao poema, cujas palavras sibilam e entoam um cântico livre. Este, reverbera a poética-seiva, um elemento que os leitores saboreiam ao se deixarem envolver pela sonoridade poética. A imagem sinestésica, personificada e palatável das palavras nos instiga a desejar e ser consumidos por sua essência imparável que, assim como os ventos, carregam consigo uma vitalidade sedutora. A necessidade de reconhecimento é tão essencial quanto o ar que enche os pulmões de vida.

A repetição anafórica do verbo “poder” ao longo do poema, manifesta-se em expressões como “podem ir”, “podem visitar”, “podem repousar” e “podem ficar”,

consolida e amplifica a mensagem. Esses momentos destacam uma sobreposição de imagem e ação, que culminam em uma explosão de sons no tecido poético. A locução verbal, a qual convida a inspirar a poesia pelos pulmões e expirar a seiva-poema pela boca, cria uma ponte íntima entre o leitor e as mulheres poetas. Nesse convite, a palavra empoderada não apenas conquista territórios físicos como, igualmente, convida os conhecedores a deleitarem-se nos sulcos das palavras errantes.

Ao final, percebe-se que a autonomia da palavra, que agora pode ir repousar e/ou ficar em qualquer lugar, convida os apreciadores a imergir nos matizes das palavras errantes. Essa imersão revela a liberdade da linguagem e a riqueza de significados que se desdobram nos meandros poéticos e convidam o leitor a explorar e apreciar a vastidão dessa experiência literária. A expressão “mulheres poetas” destaca a natureza intrinsecamente assertiva e desafiadora das mulheres que se dedicam à poesia. Ao adjetivar o substantivo “mulheres” com “poetas”, a construção ressalta a identidade feminina e a vocação literária dessas mulheres, sublinhando uma ruptura deliberada com as expectativas sociais e os estereótipos associados às vozes femininas.

O poema “As palavras errantes das mulheres poetas” oferece uma visão impactante sobre a potência e a habilidade contidas nas expressões das mulheres que exploram o universo da poesia. As palavras personificadas, representadas como seres ativos no verso inicial, “Nossas palavras andam... andam...”, sugerem um movimento incessante e uma vontade de avançar, a palavra perde seu status inicial e ganha movimento. O emprego do pronome possessivo “nossas” cria um vínculo de propriedade entre as palavras e as mulheres que as geram, ao sublinhar o caráter íntimo e pessoal da criação poética, além de uma atmosfera coletiva que envolve o leitor, avisado ou não.

A escolha do verbo “andam” como ação principal reforça a dinâmica das palavras, implica que elas não são passivas, mas agentes ativas que percorrem caminhos próprios. As reticências que cercam o verbo indicam um fluxo contínuo. Sugerem a existência de palavras anteriores não mencionadas e, ao mesmo tempo, abrem espaço para palavras futuras. Esse uso deliberado de reticências evidencia a continuidade do processo criativo e convoca o leitor a (re)conhecer as diversas dimensões e histórias, que as palavras carregam consigo.

O poema procura celebrar a expressão poética das mulheres e destacar a

autonomia, a resistência e a busca incessante por reconhecimento, cujas “palavras errantes das mulheres-poetas andam com o vento”. O uso cuidadoso da linguagem e a escolha de elementos estilísticos contribuem para a construção de uma narrativa poética que transcende as palavras e convida o leitor a refletir sobre a complexidade e a riqueza das vozes femininas na literatura.

As palavras, dotadas de uma existência própria, desdobram-se em uma jornada através de espaços sacros e profanos, explora terrenos férteis enquanto dialogam com fantasmas e demônios, para finalmente repousarem em olhares e lábios incandescentes. Essas palavras, agora metamorfoseadas em uma revolução autêntica, têm a habilidade singular de “conversar com os fantasmas e demônios do tempo...” (Ribeiro. 2019, p. 40-4).

Os versos libertinos, camuflados sob a aparência de “corpo”, transcendem à condição de utilidade pública, adquirem autonomia e a capacidade de deslocar-se para qualquer destino ou nenhum, em particular. A essência poética destilada na imagem poética convoca o leitor a embriagar-se na destreza da expressão feminina, sendo tais apelos frequentemente ecoados nos versos: “Até que então, ao vagarem sem rumo, / alguém as descubra como a poética essência dos enigmas/ e se nutra delas...”. Nesse contexto, é factível afirmar que essas palavras errantes possuem uma existência própria, guiadas pelos caprichos dos ventos. Constituem uma força indomável que transporta consigo a emotividade e o convite à reflexão.

Como mulheres-poetas, essas palavras têm o poder de provocar transformações no mundo, impulsionadas pela chama da inspiração e pela maestria da arte poética. São agentes de mudança que, por meio de sua expressão única, transportam não apenas a individualidade de quem as concebe, mas também a capacidade de tocar o âmago das emoções e despertar reflexões profundas. Nesse sentido, as mulheres-poetas assumem um papel na tessitura do panorama artístico, moldam e enriquecem o tecido da experiência humana com suas criações. São vozes poéticas plasmadas, que ecoam no imaginário do leitor.

## **Considerações finais**

Ao contextualizar a produção artística e literária divulgada na revista *Pixé* (2019) e ao compará-la ao poema publicado na revista *Sarã* (1951), realizamos uma

análise com o objetivo de destacar a investigação de uma revista contemporânea, ampliando os estudos críticos sobre as revistas literárias produzidas em Mato Grosso. Isso se deve ao fato de que as revistas literárias, de maneira geral, constituem um universo dinâmico, porém instável, e, como resultado, não necessariamente representam um marco na história literária. Conforme observado por Olivier Corpet (2002), em contraste com as grandes revistas de vanguarda que alcançaram visibilidade e se tornaram verdadeiras instituições de renome.

A revista, enquanto veículo de divulgação literária, é frequentemente caracterizada como uma “produção secundária, marginal, uma etapa intermediária na atividade literária e economicamente pouco significativa” (RAGUENET, 2011, p. 108). Essa percepção se intensifica, especialmente quando tais produções emergem em regiões periféricas do país, pois costumam circular de forma restrita, predominantemente nos meios acadêmicos, e rapidamente são relegadas ao esquecimento na memória literária.

Nesse contexto, elaborou-se uma breve descrição do papel das revistas literárias produzidas em Mato Grosso como um significativo impulsionador do movimento literário, especialmente do Intensivismo. Explorou-se como os ideais inaugurados nesse período foram sustentados e reinterpretados por diversos autores e artistas em diferentes épocas. Isso possibilita o reconhecimento dos diálogos estabelecidos entre a “Geração Coxipó” e a “Geração Pixé”, evidenciando múltiplas interpretações em virtude das propostas atemporais presentes em algumas temáticas.

Assim, mediante a análise dos poemas veiculados na edição inaugural da revista *Pixé* (2019), intitulada “Geração Pixé”, com enfoque especial nos versos de Marilza Ribeiro, intitulados “Palavras errantes das mulheres poetas”, e no poema “Protesto para Tereza” de Wladimir Dias Pino, publicado na primeira edição da revista *Sarã* (1951), é possível discernir um eu lírico em prece/súplica que clama por reconhecimento. Essa voz, que anteriormente esteve à margem da sociedade, agora reivindica legitimidade e retoma o domínio sobre si mesma, sem a necessidade de justificação perante outros.

As múltiplas vozes que ecoam desses poemas refletem uma essência que serpenteia de forma errante, revelando o que foi suprimido pelas restrições sociais. O leitor percebe, ora como a mulher, ora como o próprio ato poético, a ressonância dessa poética-seiva. Essa metáfora se estende aos nascidos e habitantes

da terra, identificáveis na etimologia do nome Tereza, que traz consigo a voz saudosa de “Teresa” de Manuel Bandeira e que, ironicamente, remete a “O Adeus de Teresa”, de Castro Alves. Uma voz emanada entre os tempos que urge protesto, que desencapsula o grito errante das margens, que urge repousar e permanecer em qualquer (não) lugar. Essa busca por espaço e reconhecimento é intrínseca, tanto à condição feminina quanto à expressão artística, que se revela como uma narrativa marcada por reticências e resistências.

## Referências

ALMEIDA, C. M. **Revistas e Jornais: um estudo do modernismo em Mato Grosso**. Cuiabá: Carlini Caniato, 2012.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Tradução de Mário Laranjeira. Prefácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BOURDIEU, P. **As regras da arte**. Gênese e estrutura do campo literário. trad: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CORPET, Olivier. “Revues littéraires”. In: **Encyclopaedia Universalis**. Paris: 1992.  
LEITE, Mário Cezar Silva (Org.). **Mapas da mina: estudos de literatura em Mato Grosso**. Cuiabá: Cathedral, 2005.

LEITE, Beatriz de Figueiredo. In: MAHON, Eduardo. Geração PIXÉ. **PIXÉ Revista Literária**. Edição especial, Cuiabá, v. 01, maio de 2021.

MACHADO, Arlindo. **Arte e Mídia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **História da literatura de Mato Grosso: século XX**. Cuiabá: UNICEN, 2001.

MAGALHÃES, Epaminondas de Matos. **Poéticas do Regionalismo na Prosa de Silva Freire**. Rio de Janeiro: Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2011.

MAHON, Eduardo. **A literatura contemporânea em Mato Grosso**. 1ª ed. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2021.

MAHON, Eduardo. Geração Pixé. **PIXÉ Revista Literária**. Edição especial, Cuiabá, v. 01, maio de 2021.

NADAF, Yasmin Jamil. **Sob o signo de uma flor**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.

RAMOS, Isaac. **Vanguardas poéticas em permanência: A revalidação de Wladimir Dias-Pino e Silva Freire**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2011.

BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

CAMPOS, Cristina. **Biblioteca do Intensivismo**, 2021-2022. Disponível em: <https://www.intensivismo.com.br/>. Acesso em: 22 de junho de 2022.

CASTRILLON-MENDES, O. M. O conto, o cânone e suas fronteiras: uma abordagem em Mato Grosso, Brasil. **Forma Breve**, Aveiro, n.º 14, p. 511-523, 2019. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/445>. Acesso em: 14 de julho de 2022.

CEIA, Carlos. Sobre o conceito de alegoria. **MATRAGA** nº 10, agosto de 1998. Disponível em: <http://www.pglettras.uerj.br/matraga/nrsantigos/matraga10ceia.pdf>. Acesso em: 04 de julho de 2024.

COSTA, Dias Souza da Costa. Factos e cousas nas crônicas da revista mato-grossense *A Violeta*. **Revista Estação Literária**. Londrina, Volume 11, p. 195-208, jul. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL11-Art14.pdf>. Acesso em: 09 de setembro de 2022.

FARACO, C. A. Interação e linguagem: balanço e perspectivas. **Calidoscópio**, v. 3, n. 1, p.214-221, 2005. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/6244> Acesso em: 18 mar. 2024.

MAHON, Eduardo. **Pixé revista literária**, 2019 - 2022. Disponível em: <https://www.revistapixe.com.br/edicoes-antiores>. Acesso em 14 de junho de 2022.

MAHON, Eduardo. Documentário: Geração Coxipó. Revista Pixé Canal Literário. In: **YouTube**. 2022. Disponível em: [//youtu.be/sSLji877ok](https://youtu.be/sSLji877ok). Acesso em: 15 de setembro de 2022.

MENNA, Lígia Regina Máximo Cavalari. A importância dos jornais e revistas para a formação dos leitores, gênese e florescimento da literatura infantil. **XII Congresso Internacional da ABRALIC Centro, Centros – Ética, Estética**. UFPR – Curitiba, 18 a 22 de julho de 2011.

MIRANDA, Antônio. Verbivocovisualidade das Revistas no Século XXI, **A Miranda**. 2004. Disponível em: <http://www.antoniomiranda.com.br/ensaios/verbivocovisualidade-das-revistas.html>. Acesso em: 12 de setembro de 2022.

RAGUENET, Sandra. Dos usos e funções das revistas literárias à intermedialidade inovadora de Banana Split. **ALEIA Estudos Neolatinos**. V.13, n.01 – janeiro/julho de 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea=pdf>. Acesso em: 21 de setembro de 2022.

CASTRILLON-MENDES, Olga Maria SILVA, Espaços regionais, identidades plurais: reflexos em torno da produção literária de/em Mato Grosso. In; Agnaldo Rodrigues (Organizador). **ANAIS COLÓQUIO INTERNACIONAL DE LITERATURA COMPARADA**. Volume 1, n. 1, 2011. Cáceres: UNEMAT Editora, 2011. Disponível em: [http://www.unemat.br/eventos/coilic/docs/anais2013/olga\\_castrillon-mendes](http://www.unemat.br/eventos/coilic/docs/anais2013/olga_castrillon-mendes). Acesso em: 04 de julho de 2024.